



CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE NO TELEFONE CELULAR: materialidade, sensorialidade e controle

Nota dos Autores⁵⁶

*Yuri GARCIA*⁵⁷

*Rafael MALHADO*⁵⁸

RESUMO: O presente artigo pretende estabelecer reflexões sobre a materialidade de um objeto tecnológico de comunicação e informação – o *smartphone* – para a compreensão da construção da memória e da subjetividade do homem contemporâneo a partir desta mídia digital. Sendo assim, observaremos a comunicação na atualidade com a materialidade dos aparelhos tecnológicos que permeiam o humano em suas atividades; analisaremos a ideia contemporânea de memória e as ordenações do armazenamento, processamento e transmissão de informações com as tecnologias de comunicação e informação e identificaremos o *smartphone* e suas funcionalidades como aparelho muito além da sua originalidade funcional de um aparelho telefônico móvel: um objeto que transforma o homem.

PALAVRAS-CHAVE: Materialidades. Mídia. Telefone Celular. *Smartphones*. Memória.

ABSTRACT: The present article intends to establish reflections on the materiality of an technological object of communication and information - the *smartphone* - for the understanding of the construction of memory and subjectivity of the contemporary man from this digital media. In this way, we will observe the communication nowadays with the

⁵⁶ Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Digital, integrante do VI Encontro Regional Sudeste de História da Mídia – Alcar Sudeste, 2016.

⁵⁷ Doutorando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui pós-graduação em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes (UCAM-IAVM) e graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA). Autor do livro "Drácula: o vampiro camaleônico" (2014). E-mail: yurigpk@hotmail.com

⁵⁸ Graduado em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela Universidade Veiga de Almeida (UVA) e Aluno Pesquisador do CELLA (Ciclo de Estudos de Lógica Científica e Língua Alemã) na FAETEC-RJ sob a coordenação do Prof. Dr. Thales de Oliveira Malhado. E-mail: rafael.malhado@gmail.com

materiality of the technological devices that permeate the human in its activities; we will analyze the contemporary idea of memory and the ordinations of the storage, processing and transmission of information with the technologies of communication and information and we will identify the smartphone and its functionalities as a device beyond the functional originality of a mobile handset: an object that transforms man.

KEYWORDS: Materialities. Media. Cell Phone. Smartphones. Memory.

1. Introdução

O ser humano está sempre em busca da sua identidade produzindo imagens e símbolos por meio dos objetos. É dos objetos que o homem se apropria para transformar, registrar, conservar, controlar, interferir, mediar, comunicar. Em resumo, ele utiliza coisas que estendam ou se juntem à sua corporeidade para trazer um significado à vida. A tradução para português do célebre livro “Understanding Media” de Herbert Marshall McLuhan é “Os meios de comunicação como extensões do homem” (2007), onde podemos ver ao longo da obra (e obviamente no título em português) o destaque que o teórico propõe para as mídias e a relação intrínseca que é proposta entre homem e tecnologia.

McLuhan é um dos precursores entre diversos teóricos importantes que destacam a importância das mídias e da tecnologia e apresentam uma perspectiva de estudos sobre as “materialidades”. Tal noção não é uma vertente “inovadora” como podemos ver em um levantamento mais histórico do conceito no artigo de Simone Sá “Explorações da noção de materialidade da comunicação” (2004).

Entretanto, vemos que é uma perspectiva de pensamento desprivilegiada de uma tradição clássica mais hermenêutica na importante obra de Hans Ulrich Gumbrecht “Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir” (2010), que busca explorar novas reflexões sobre a relação do homem com os objetos no “campo não hermenêutico”, de como “a mídia e as materialidades de comunicação poderiam ter algum impacto sobre o sentido que transportavam.” (Ibid., p.37). O termo “hermenêutica”, obviamente, é analisado de forma mais complexa por diversos autores. Contudo, com a finalidade de simplificar sua definição, utilizamos a obra do próprio Gumbrecht como referência: “Víamos a ‘hermenêutica’, a reflexão filosófica acerca das condições de interpretação, que Dilthey quisera fomentar, como sinônimo de ‘interpretação’.” (Ibid., p.31).

Ao pensar nas materialidades das tecnologias pensamos não apenas no conteúdo das mensagens, nos voltamos para as sensações produzidas por elas. No cenário nacional, alguns pensadores têm se ocupado de pensar as Materialidades da Comunicação. Entre eles podemos destacar rapidamente Erick Felinto, que já publicou um livro de ensaios intitulado “Passeando no Labirinto: Ensaios sobre as Tecnologias e as Materialidades da Comunicação” (2006), focando mais no aspecto teórico das materialidades; Vinícius Andrade Pereira, que analisa o cenário contemporâneo sob tal perspectiva, frequentemente evocando o pensamento do teórico canadense Herbert Marshall McLuhan, como podemos ver em suas análises de videogames e a proposta do termo “arranjos midiáticos” no artigo “G.A.M.E.S. 2.0. Gêneros e Gramáticas de Arranjos e Ambientes Midiáticos Moduladores de Experiências de Entretenimento. Sociabilidades e Sensorialidades” (2008); e Simone Sá em estudos sobre o Facebook com Beatriz Polivanov em “Presentificação, vínculo e delegação nos sites de redes sociais” (2012).

Gilbert Simondon, mesmo não sendo associado diretamente à corrente das materialidades, é um pensador que destaca a relação intrínseca entre natureza, homem e técnica. Em “On the Mode of Existence of Technical Objects” (1980) percebemos a importância dos objetos e da tecnologia no pensamento do autor, que considera não haver a possibilidade de um sem o outro. A técnica é uma forma de aproximar o homem da natureza, uma espécie de ponte que liga um ao outro.

Este artigo pretende estabelecer pensamentos sobre a materialidade de um objeto tecnológico de comunicação e informação – o *smartphone* – para a compreensão da construção da memória e da subjetividade do homem contemporâneo a partir deste. Os objetos se encaixam exatamente nessa parte: por meio deles, o indivíduo pode acumular suas informações e se comunicar. Este processo parece acontecer ao longo da história do homem com os objetos: utilizá-los e por eles ser utilizado, transformá-los e por eles ser transformado, visando, dentre outras coisas, estabelecer o jogo comunicacional. Para então facilitar a compreensão da comunicação humana na contemporaneidade, é importante interpretar os símbolos construídos e organizados com os aparelhos tecnológicos comunicacionais que estão presentes nas práticas sociais dos indivíduos. Assim, é preciso levar em conta o aspecto sensorial e material dos aparelhos.

A variação das expressões “objetos” e “aparelhos” no texto possui um importante desdobramento: entender a relação entre eles trazendo o pensamento flusseriano. Na obra

“Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia” (2011), Vilém Flusser define os aparelhos como “objetos do mundo pós-industrial, para o qual ainda não dispomos de categorias adequadas” (Ibid., p.35). Para o autor, no ensaio sobre a definição sobre os aparelhos, estes são objetos que se preocupam em modificar a vida dos homens, e não modificar o mundo. “Pois, atualmente, a atividade de produzir, manipular e armazenar símbolos (atividade que não é trabalho no sentido tradicional) vai sendo exercida por aparelhos.” (Ibid., p.35).

A relevância desta observação é para seguirmos em frente no pensamento do texto, ressaltando a definição de aparelho no contexto flusseriano. Na obra, o aparelho para Vilém Flusser é um brinquedo e o ser humano é um jogador: “não mais *homo faber*, mas *homo ludens*” (FLUSSER, 2011, p.37, grifo do autor). Sendo assim, a construção da memória e da subjetividade pela tecnologia de informação e comunicação da qual queremos observar – o *smartphone* – tem o caráter do aparelho em Flusser. Não apenas são objetos extensivos à corporeidade humana presente em McLuhan e não apenas são “todos os objetos disponíveis em ‘presença’.” (GUMBRECHT, 2010, p.13). Os aparelhos de que trata Flusser e queremos tratar são objetos que são *caixas pretas*⁵⁹ “que permutam símbolos contidos em sua ‘memória’, em seu programa” (FLUSSER, 2011, p.42) modificando a vida humana.

Segundo Villém Flusser (2007), os aparelhos telemáticos do cotidiano (televisão, computador, aparelho móvel de telefone, etc.) desenvolveram-se e atuam como mídia (*medien*) – mediam grande parte das ações humanas hoje. É nesse contexto que o indivíduo contemporâneo parece estar imerso: aparelhos cada vez mais presentes modificando o seu espaço, memória, cultura e subjetividade – o *smartphone* é um desses aparelhos. Neste artigo, levantaremos aspectos materiais, sensoriais e de controle deste aparelho da tecnologia de informação e comunicação, que são importantes na construção da memória e da subjetividade do homem contemporâneo.

A memória parece dar ao homem sentido à busca eterna de sua identidade, ou de uma ontologia restritamente humana. Emmanuel Carneiro Leão, em “Aprendendo a Pensar” (1991), destaca que “por sua dinâmica, o homem está sempre superando os limites entre o dentro e o fora” (LEÃO, 1991, p.193). E essa superação tem a ver com a linguagem, com o que o ser humano produz de imagens e palavras, símbolos e significados. Sob uma visão

⁵⁹ Para mais detalhes, consultar o livro de Vilém Flusser “Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia” (2011).

heideggeriana, o autor diz: “[...] este jogo da Linguagem é nossa única saída”. Por meio desse processo cognitivo, o humano codifica e transforma a natureza construindo esta rede simbólica – e, conseqüentemente, a memória – para a sua comunicação. Comunicação esta que é discutida em sua fenomenologia por Villém Flusser (2007, p.93), de caráter “não natural”, “contranatural” ou “inatural”, na medida em que o armazenamento de informações tem um viés negentrópico, ou seja, em combate à entropia⁶⁰ de um sistema.

O autor aponta que o homem “é um animal que encontrou truques para acumular informações adquiridas” (Ibid., p.93) e revela que essa seria a característica essencial da comunicação humana, partindo do fenômeno interpretativo da comunicação e não do explicativo, da existência. Segundo ele, parece uma maneira de negar tanto a natureza exterior como a interior do homem. Por isso, o engajamento do ser humano em se comunicar e da criação de símbolos e significados: para dar sentido ao “ser-para-morte” de Heidegger (*Daizen zum Tod*) (Ibid., p.95).

Dentro de todas essas perspectivas sobre o homem e a memória, ou melhor, o homem e as informações adquiridas, a compreensão desta última no contexto da comunicação na contemporaneidade se faz necessária com os aparelhos tecnológicos que permeiam o humano em suas atividades comunicacionais. Nesse caso, a escolha para a proposta deste trabalho é identificar o *smartphone* e suas funcionalidades; este se tornou um aparelho muito além da sua originalidade funcional de um aparelho telefônico móvel (servir de objeto para mediar a comunicação entre as pessoas por meio da voz à distância).

Este objeto foi adquirindo, desde a sua invenção, inúmeras outras atribuições em sua materialidade. O *smartphone* foi escolhido então, como ponto de partida de observação não só por ser um aparato tecnológico que pode armazenar, processar e transmitir informações⁶¹. Mas sim também pelo grau de autonomia ou automação da atividade do homem para com a sua memória e, conseqüentemente, sua comunicação.

⁶⁰ Refere-se à segunda lei da termodinâmica em que um corpo tende a perder energia até a morte. Para mais detalhes ver: “A Nova Aliança” (1997) de Ilya Prigogine e Isabelle Stengers. Villém Flusser utiliza o termo no âmbito da comunicação. Segundo o autor, a comunicação é a forma de combate à entropia. Para mais detalhes, consultar o livro de Erick Felinto e Lúcia Santaella sobre o filósofo “O Explorador de Absimos; Villém Flusser e o pós-humanismo” (2012).

⁶¹ A tríade “armazenamento, processamento e transmissão” está presente em quase toda a obra de Vilém Flusser nas suas reflexões sobre a cibernética.

2. Aparelho, Memória e Corpo

Vinicius Pereira, em “Estendendo McLuhan: da Aldeia à Teia Global” (2011), trata dos aspectos materiais da memória com os meios de comunicação refletindo sobre o pensamento de Herbert Marshall McLuhan. Ele faz um breve apontamento da ideia de memória contemporânea para tentar reafirmar as relações entre comunicação e memória com a obra de McLuhan e descreve o que alguns autores, entre o final do século XIX e início do século XX, refletem sobre a memória.

Pereira relata a crítica de Nietzsche à “memória dura, fixa, enrijecida” (Ibid., p.68); a problematização do resgate da memória presente para remodelar o futuro em Marcel Proust; e a revelação da memória “como um conjunto de imagens/sentimentos [...] que, a partir da emoção causada [...], conduzam a uma ressignificação da própria vida” (PEREIRA, Ibid., p.69). Mas é em Freud e na sua obra *A Interpretação dos Sonhos*, que Pereira relata o que é, para nós, importante ressaltar: o pensamento freudiano sobre a memória, “como lembranças imperfeitas e fragmentadas, capazes de afetar as percepções das coisas” (Ibid., p.70), pois o ser humano possui informações e experiências guardadas em sua memória, mas ainda assim permanece com um sistema mnemônico aberto e de transformação contínua.

No contexto das relações entre as tecnologias comunicacionais e o homem contemporâneo, Pereira alerta sobre como cada tecnologia pode oferecer novas alternativas para organizar e “rearranjar as informações [...], gerar mensagens, de transmiti-las e de memorizá-las” (Ibid., p.104). E tendo em vista a reflexão sobre a ideia freudiana de fragmentação e transformação contínua da memória é que podemos compreender melhor sobre o rearranjo e a reorganização das informações acumuladas pelas pessoas que utilizam o *smartphone*: com os *gadgets* (programas de aparelhos telefônicos com a funcionalidade de desenvolver tarefas específicas como abrir arquivos e imagens digitais, acessar a internet, agendar horários e datas, ouvir músicas, ler mensagens, etc.), as informações são armazenadas, processadas e transmitidas, gerando novas respostas e informações, mas com resultados específicos. Em resumo, as tecnologias podem ser extensões de nós mesmos – de nossas memórias – e nossas identidades podem ser alteradas pela especificidade dos *gadgets*.

O pensamento tecnológico para a ação e função do homem – ou seja, a condição antropológica da qual as máquinas são objetos de reflexão para pensar no corpo e subjetividade humana – é tema que pode ser percebido desde, por exemplo, o século XIX,

com analogias tecnológicas entre o sistema nervoso e o processo do telégrafo. Um vínculo foi estabelecido quando da maneira que os dois eram compreendidos “em uma relação de equivalência e reversibilidade: se o sistema nervoso era descrito por analogia ao telégrafo, este, por sua vez, era entendido por analogia aos nervos” (FERRAZ, 2010, p.28). Flusser (2011, p.32), ao refletir sobre a etimologia da palavra “aparelho”, relata que esses objetos fazem parte de determinadas culturas que podem denotar “fenômenos da natureza, por exemplo, aparelho digestivo, por tratar-se de órgãos complexos que estão à espreita de alimentos para enfim digeri-los”.

Neste contexto de comparações e analogias de homem x máquina, Rüdiger afirma: “o homem mesmo é originariamente um artefato técnico, falando em termos científico-sociológicos. O primeiro objeto técnico aparecido no mundo é, neste marco, o corpo, se não o próprio modo de ser humano, ainda que não totalmente” (2011, p.62). Corpo e mente humana, técnicos. Flusser (2007, p.34) pensava em um *Homo faber* - a fábrica é, segundo ele, uma característica do homem, sua “dignidade humana”; o homem como produtor de artefatos técnicos. Essas afirmações colocam em evidência a eterna busca da espécie humana para a extensão do seu corpo para o auxílio da sua sobrevivência e da sua identidade.

Sob essa última ótica, pode-se pensar a subjetividade do homem com a tecnocracia, com a cibernética e, finalmente e juntamente, com o pensamento pós-humano, lembrando-se da figura do ciborgue de Donna Haraway em *Manifesto Ciborgue*, no sentido libertário do corpo maquinário: “[...] o mundo dos ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas [...] não temam suas identidades permanentemente parciais e posições contraditórias” (2013, p.46).

Sobre essa parcialidade e contradição da identidade, é possível até traçar um paralelo entre as tecnologias digitais de comunicação com os dispositivos foucaultianos que Agamben trata na nova fase do capitalismo. Eles então se desenvolveram como “uma máquina que produz subjetivações” (AGAMBEN, 2014, p.47). Subjetividade e dessubjetividade – que vem da fragmentação do corpo e da memória de um sujeito – agora, segundo o autor, seriam iguais na sua concepção porque não há mais um novo sujeito com a ampliação dos dispositivos contemporâneos; o que há é um “sujeito espectral”, prisioneiro de sua prisão.

3. Materialidades e funcionalidades do *smartphone*

Todavia, é importante destacar que os processos de troca de informação com os meios

tele-informáticos nos dias atuais contrastam bastante com os de outrora. Apesar da instantaneidade no contato telefônico tradicional, a maneira de comunicar parece ser bem diferente. Vivemos em um período histórico de maior alcance de informação – inúmeras formas de estabelecer comunicação e com relevante velocidade –, que pode influenciar diretamente nas relações interpessoais e na relação, de um modo geral, das pessoas com as informações adquiridas pelas tecnologias de comunicação.

O aparelho telefônico permitia o contato por meio da presença da voz e tinha por função a supressão da “distância” sonora no plano comunicacional (do grego TELE - longe, e PHONÉ - som). Mas a mudança da funcionalidade deste aparelho foi um dos principais fatores para que não apenas esse tópico – da supressão da “ausência” do outro pela presença da voz - como muitos outros possam entrar em cena na utilização do celular. Se levarmos em conta, por exemplo, o momento em que o celular viabiliza um contato via som, foto, vídeo, texto, etc., temos uma mudança que parece ser significativa para estabelecer a comunicação entre os indivíduos, construir uma rede simbólica e armazenar e transmitir informações, uma vez que há mais ordenações e rearranjos, dos quais Pereira (2011) fala, em um único aparelho para novas informações a serem estabelecidas dentro do jogo comunicacional⁶².

A rede simbólica, mencionada anteriormente, pode continuar se expandindo. Porém, a intenção deste projeto é investigar como as imagens e os símbolos que o ser humano constrói para transformar, arquivar, controlar, mediar, comunicar, são utilizados na mediação de indivíduos por meio deste aparelho telefônico móvel, a partir da mudança de suas funções comunicacionais. Com isso, identificar se há uma ressignificação da ideia de “presença” gumbrechtiana, ou seja, “tangível pelas mãos humanas” (GUMBRECHT, 2010, p.13), dos objetos acumulados no *smartphone*, uma vez que pode se pensar que este aparelho e os *gadgets* adquirem informações que possuem as mesmas características das informações flusserianas: “inconsumíveis, ‘inesquecíveis’, que não poderiam ser manuseadas” (FLUSSER, 2007, p.61).

O celular é um dos objetos da tecnologia da comunicação que está presente em inúmeras atividades do sujeito contemporâneo e parece ser quase indispensável para muitas pessoas no jogo da mediação comunicacional. Marca tanta presença na vida humana que fica

⁶² Podemos lembrar aqui do termo “arranjos midiáticos” proposto por Vinícius Andrade Pereira em seu artigo “G.A.M.E.S.2.0.” citado acima.

difícil dissociá-lo do nosso cotidiano.

Essa característica é justamente o que será apontado como um fator problematizante da questão envolvendo a “presença” das informações. Assim, este artefato digital causa para o homem autonomia da memória ou é uma nova “prisão” de uma dependência constante e irrefutável na relação homem x máquina? Flusser (2007, p.62-63), também traz um argumento para a possibilidade de explicar o fascínio do homem com este artefato tecnológico digital quando fala sobre a emancipação do homem pelo trabalho por conta do maquinicismo deste último e da produção de não-coisas, de informações imateriais e da ociosidade das mãos que sempre quiseram alcançar todas as coisas. Assim, a ponta dos dedos “passam a ser a parte mais importante do organismo. Pois nesse estado de coisas imateriais (*undinglich*), trata-se de fabricar informações também imateriais e desfrutar delas.” As teclas então, terão papel importante na fabricação de novos símbolos e o humano então pode sobreviver graças as pontas dos dedos.

Outra questão interessante dentro da relação da memória humana com as tecnologias de informação e comunicação é: até que ponto o armazenamento de dados nos dispositivos ou artefatos digitais geram liberação para uma autonomia do homem para criatividade e mais espaço/tempo para reflexão? Esse armazenamento gera alienação ou uma automação das atividades e uma perda de contato com a base de memória humana para uma ação maquinicista? A ativação da memória humana e sua preservação é o que nos torna humanos? Será que há alguma coisa que a máquina pode fazer por nós? E se fizer, perderemos nossa humanidade?

4. Aparelho, Memória e Controle

Como dito anteriormente, o homem desenvolveu uma rede de símbolos complexa e a utilizou para capturar informações, se comunicar e gerar memória. Contudo, segundo a visão de Nietzsche, este caminho nada tem a ver com a real proposta do *bicho-humano* do período pré-histórico. “Nada era previsto, calculado, memorizado. Aliás, não era necessário prever, calcular ou memorizar” (BARRENECHEA, 2005, p.61). Sob a ótica nietzschiana no livro *Genealogia da Moral*, não há nenhuma lacuna entre a memória individual e a memória coletiva; não há a separação de uma ou outra. Segundo Barrenechea (Ibid., p.60), o filósofo alemão – que se antecipou nas questões sobre a origem da memória social no século XIX – procurou explicar que a memória é constituída por conta de imposição social, de cerceamento,

de controle, e não com uma proposta *natural*. Antes, o esquecimento era sua condição, sua ontologia.

Esta imposição à geração de uma memória social e coletiva foi cercada por requintes de crueldade e sofrimento, com castigos e torturas do corpo, que teve início, segundo Nietzsche, na pré-história, com os confrontos iniciais entre tribos. Para sobreviver, umas precisavam criar mecanismos simbólicos e de transmissão de informação que precisavam ser gravados para a lembrança e a rapidez das ações contra grupos mais fortes. A força foi então, instrumento “para tornar o animal-esquecido um animal-com-memória” (BARRENECHEA, Ibid., p.63).

5. A Materialidade do *Smartphone*

Outro fator relevante para essa investigação é refletir sobre a mobilidade que ele estabelece por suas características físicas. Ele pode ser carregado para quase todos os lugares que uma pessoa pode ir. Pode ser transportado e ser comparado a um andarilho, transeunte, ou seja, um objeto em trânsito, movimento. Logicamente, ele não possui o poder de se locomover, de transitar, como um ser vivo e passageiro. Mas o celular pode transitar junto com o homem, que o transporta no mundo. Essa mobilidade também é possível pela sua materialidade no que diz respeito ao tamanho do aparelho. Ele cabe no bolso de uma roupa, em uma bolsa. Pode ser transportado em mãos; cabe na palma da mão e é utilizado com “o polegar oposto aos demais dedos [...] essa mão peculiar do organismo humano apreende as coisas” (FLUSSER, 2011, p.60).

Mais: as funções que foram adicionadas a ele durante o seu desenvolvimento também estabelecem uma relação relevante com a mobilidade a partir da conexão do aparelho com a internet. Nesse caso, essa característica pode ser a principal explicação para a presença constante deste objeto tecnológico na vida do homem: um aparelho que pode estar sempre presente proporcionando “presença” (GUMBRECHT, 2010, p.13). O aparelho celular pode ser utilizado em diferentes locais do mundo para falar com pessoas, encontrar e guardar informações quase que a qualquer momento.

Se este aparelho é capaz de poder alterar a forma do ser humano produzir cultura por conta de todas essas observações, como isso se aplica na percepção de mundo do homem contemporâneo no constante uso deste aparato tecnológico comunicacional? E os estímulos diversos e instantâneos que o aparelho proporciona com as diversas formas de comunicar? E

diante desta percepção ser alterada e de novos estímulos, como se reconfigura a noção de presença para o homem, que percebe o aparelho celular como uma possibilidade de se comunicar sem ter presente outro corpo humano?

Tais perguntas permeiam um trabalho, que tem por intuito o questionamento e o levantamento dessas questões e não respostas definitivas para perguntas sobre um panorama que se encontra sempre em constante modificação. A reconfiguração de uma noção do que é “presença” deverá levar em conta os processos sensoriais ativados no humano e as mudanças do armazenamento, processamento e transmissão das informações na comunicação do homem contemporâneo pela funcionalidade e materialidade do aparelho. A discussão de como produzir, reunir e transmitir informações por meio dessa tecnologia de informação e comunicação estimula o pensar a construção da memória e da subjetividade humana pelas tecnointerações originadas na utilização deste objeto tecnológico.

6. Considerações finais

O cenário comunicacional contemporâneo é repleto de informações. A possibilidade de “salvar” imagens e textos e obter a condição de depositá-las, reuni-las e conservá-las, torna-se relevante no contexto da comunicação contemporânea por entender a clássica fábula de que o maquinário tecnológico digital pode ter a pretensão de substituir o corpo e a mente humana no que se refere à representação social da subjetivação do homem contemporâneo. O *smartphone* parece ir de encontro com essa afirmação. Principalmente, quando é possível traçar uma analogia com este aparelho quando da definição de Agamben (2014, p.12) no que se refere a um dispositivo: “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.”

O ser humano, e sua afetividade com o *smartphone*, visa compreender o objeto por conta da aproximação que este aparelho possui na relação com o homem contemporâneo. Essa interação – fruto do produto da mediação homem e máquina – é detectada pela relação do homem com os objetos e que um pode modificar o outro e mais: transformar de maneira contínua um e outro. É essa troca e esse vínculo crescente que Latour percebe em sua *Teoria do Ator-Rede*, quando fala sobre o “processo de permutar competências, oferecendo um ao outro novas possibilidades” (2001, p.210).

Assim, o que é preciso notar é se, no cotidiano do ser humano contemporâneo, as

funcionalidades desses aparelhos estão construindo uma afetividade com consequências de uma subjetividade, corpo e memória mais fragmentados. Mais: se esses aparelhos móveis de comunicação e suas características de armazenamento de informações causam autonomia ou automação da memória e, por conseguinte, e da ação do homem. Os *gadgets* parecem tão presentes em cada passo que o homem de agora exerce na sua vida – pelo hábito de consultá-los a quase todo momento e por quase todo motivo – que podemos até fazer uma analogia com as instituições tradicionais e modernas que desenvolvem o controle e a formação da sociabilidade e compõem uma rede de relação de poder, de “funcionalidade de poder”.

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material [...] (FOUCAULT, 2003, p.182).

Dessa forma, é possível perceber a construção e produção da memória às estratégias das relações sociais com o poder em jogo e imaginar que a questão está diante do tempo de agora – do mundo contemporâneo – com os indivíduos e corpos, coletiva e individualmente, “pressionados” e “torturados” pelos dispositivos que foram produtos das primeiras ações humanas que Nietzsche relatou.

Os *smartphones* são aparelhos flusserianos no jogo comunicacional com o homem quando estabelecem a permutação de símbolos visando modificar o “funcionário” ou confundi-lo com o próprio aparelho (FLUSSER, 2011, p.37). Mas são também dispositivos foucaultianos quando capturam, orientam, interceptam, modelam, registram, acumulam, estabelecendo a produção de memória com suas práticas de controle sobre o corpo. E quanto mais estes dispositivos se desenvolvem, mais controle sobre o homem há e menos espaço é deixado para o esquecimento. Mas como esquecer então em meio ao controle sobre o corpo e a memória excessivo, expansivo e indesligável como, por exemplo, trazem as novas tecnologias do digital? Aliás, além da quase impossibilidade de possuir o esquecimento, as tecnologias comunicacionais contemporâneas também criaram sujeitos com suas subjetivações. Ou seja, parece haver mais controle individual minucioso e mais atividades que individualizam o homem nas suas funções com os aparelhos tecnológicos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é dispositivo?** Editora Argos, 2014.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. “Nietzsche e a genealogia da memória social”. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Editora Contra Capa, 2005.

FELINTO, Erick. **Passeando no Labirinto: Ensaios sobre as Tecnologias e as Materialidades da Comunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

_____; SANTAELLA, Lucia. **O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo**. São Paulo: Paulus, 2012.

FERRAZ, Maria Cristina. **Homodeletabilis: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI**. Editora Garamound, 2010.

FLUSSER, Villém. **O mundo Codificado**. Editora Cosac Naify, 2007.

_____. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Editora Annablume, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 18a Edição. Editora Graal, 2003.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto e PUC-Rio, 2010.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Editora Autentica 2013.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social: An introduction to actor-network-theory**. Oxford University Press, 2005.

LEÃO, Emmanuel Carneio. **Aprendendo a pensar**. Volume 1. Editora Vozes, 1991.

McLUHAN, Herbert Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Cultrix, 2007.

PEREIRA, Vinícius Andrade. G.A.M.E.S. 2.0 Gêneros e Gramáticas de Arranjos e Ambientes Midiáticos Moduladores de Experiências de Entretenimento, Sociabilidades e Sensorialidades. In: XVII COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008, São Paulo. **Anais...** 17o Encontro Anual da Compós. São Paulo: UNIP, 2008.

_____. **Estendendo McLuhan:** da Aldeia à Teia Global – Comunicação, Memória e Tecnologia. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A Nova Aliança:** metamorfose da ciência. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura.** Editora Sulina, 2011.

SÁ, Simone Pereira. Explorações da noção de materialidade da comunicação. **Contracampo – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação.** 10/11, 2004, p. 31-44.

_____; POLIVANOV, Beatriz. B.. Presentificação, vínculo e delegação nos sites de redes sociais. **Comunicação, Mídia e Consumo** (São Paulo. Impresso), v. 9, p. 13-36, 2012.

SIMONDON, Gilbert. **On the Mode of Existence of Technical Objects.** University of Western Ontario, 1980.